

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



Lapa, Manuel Rodrigues (Anadia, 1897 - Anadia, 1989)

Estudou em Lisboa, sob a tutela da Casa Pia, a partir dos 10 anos. Antes de ingressar na Faculdade, passou pelo Liceu Pedro Nunes e, em 1912, começou a frequentar a Biblioteca Nacional, em cuja secção dos Reservados consultava “misteriosos manuscritos” (viria a ser sub-bibliotecário entre 1920 e 1922). Em 1914, então bolseiro do legado Luz Soriano, entrou na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – onde teve como professores Adolfo Coelho, Leite de Vasconcelos, José Joaquim Nunes, entre outros – e logo no ano seguinte começou a colaborar no jornal *O Povo de Anadia*, com um artigo sobre Camilo Castelo Branco. Em 1919, inscrito na Faculdade de Direito, foi aprovado com 13 valores no exame de licenciatura em Filologia Românica, após o que, graças a uma indicação de Leite de Vasconcelos, deu aulas na Faculdade de Letras, primeiro como bacharel, depois como professor contratado. Durante os anos 20 passou pelo Liceu Camões (Lisboa), Martins Sarmiento (Guimarães) e Gil Vicente (Lisboa). De novo com o apoio de Leite de Vasconcelos, Lapa foi em 1928 professor auxiliar contratado na secção de Filologia Românica, tendo sido responsável por cadeiras tão diferentes quanto Filologia Portuguesa, História da Literatura Portuguesa, História da Literatura Francesa, História da Literatura Italiana, Gramática Comparada das Línguas Românicas. No final de 1929 partiu para Paris, onde com uma bolsa de 8 meses frequentou na Sorbonne as aulas de grandes medievalistas: Antoine Thomas e Alfred Jeanroy (Francês medieval); Clovis Brunel e Mario Roques (Provençal); Edmond Faral (Literatura latina medieval). Foi em Paris que terminou a tese de doutoramento em Filologia Românica *Origens da Poesia Lírica em Portugal na Idade Média* (antes de a defender, iniciara colaboração na revista *Seara Nova*, que dirigirá de Fevereiro de 1973 a Fevereiro de 1974, em substituição de Augusto Abelaira). Submetida a tese a provas em 11.12.1930, Lapa enfrentou dura arguição da parte de Oliveira Guimarães. Começou então uma polémica que prosseguiu em 1931 com 2 artigos de Lapa muito críticos em relação ao livro de Oliveira Guimarães *Fonética Portuguesa*, Coimbra, 1929 (pugna apresentada como a “rude sinceridade” do esforço contra o “borboleteio de erudição superficialíssima” (Lapa, *Miscelânea de Língua...*, 1982, 342). Um dos corolários desta polémica consistiu na defesa assumida por Lapa da especialização académica dos saberes. Regressou à posição de professor auxiliar contratado em 1931 e no ano seguinte foi um dos fundadores do Centro de Estudos Filológicos



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

(hoje Centro de Linguística da Universidade de Lisboa). No início de 1933 a burocracia do Tribunal de Contas (Diogo, *Manuel Rodrigues Lapa. Fotobiografia*, 1997, 49) não permitiu a renovação do contrato de Lapa, que desde Outubro do ano anterior não era remunerado, tendo o Governo acabado por afastá-lo nesse ano do ensino universitário à conta do artigo publicado na *Seara Nova* “A Política do Idioma e as Universidades”: “a nossa Universidade é um maquinismo avariado, que, ou se conserta sem demora, pela substituição de grande número de peças, ou se põe de vez para o lado, como coisa inútil e estorvadora” (Lapa, *As minhas razões*, 1983, 51) [*Seara Nova*, 341, 1933, 67-76; conferência realizada no salão da “Ilustração Portuguesa”, a 15.2.1933 e repetida em Coimbra, na Associação dos Artistas, a 30 de Março de 1933]. Ainda em 1933 Lapa apresentou-se a provas para professor auxiliar efectivo com o *Livro de Falcoaria de Pero Menino* (Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931) e obteve aprovação unânime. Mas, passados dois anos, um decreto do governo de Salazar demitiu-o compulsivamente de qualquer emprego público.

O seu posicionamento político tornou-se mais evidente a partir deste momento, embora os primeiros sinais relevantes nesta esfera já remontassem a 1918, altura em que pertencera à direcção da Associação Académica da Faculdade de Letras. Recorde-se que nessa altura, no pano de fundo de várias reivindicações, foi promovida uma greve entre Maio e Setembro. Cerca de trinta anos depois, a sua reacção ao regime viria a evidenciar-se com o apoio à candidatura do general Norton de Matos à presidência da república. O que afirma numa entrevista publicada no *Diário de Lisboa* de 5 de Janeiro de 1949 não deixa margem para dúvidas: “É chegada a oportunidade de acabar sem sobressalto com este estado de coisas, que nos envergonha como europeus - continuamos a ser os cafres da Europa, como nos alcunhavam no século XVII”. No dia seguinte foi preso por “atentar contra o brio e decoro nacionais e injúrias ao Governo da Nação”, vindo a ser libertado sob caução a 11 de Janeiro.

Enquanto historiador da literatura, Lapa manifestou-se contra o impulso para fazer da explicação histórica a busca de uma só causa original (cf. Le Goff, “História”, 1984, 159) e tratou frequentemente no plural da questão das origens. Embora esta questão o tenha interessado em vários aspectos da literatura portuguesa medieval, foi sobretudo no domínio da lírica trovadoresca galego-portuguesa que a explorou, em primeiro lugar na tese de doutoramento, publicada em edição de autor como primeiro volume da série “História da Língua e da Literatura Portuguesa” (e tendo como depositário a Seara Nova). O título sinaliza a importância que tinha à época o estudo das origens, testemunhada em livros como o de Giovanni Alfredo Cesareo, *Origini della poesia lírica in Italia* (1899) e o de Alfred Jeanroy, *Les origines de la poésie lyrique en France* (1904), que Lapa aplicou no domínio da lírica galego-portuguesa (mas não só, como mostra a sua intervenção em 1930 na discussão em torno da prioridade do texto português da *Demanda do Santo Graal* [*Miscelânea de Língua...*, 1982, 303-340]). O objectivo consistia em saber como nascera a poesia lírica românica e, dentro dela, a poesia lírica de cada país da Europa novilatina. Metade da tese de doutoramento



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

de Lapa expõe circunstanciada e criticamente cada uma das teses mais importantes acerca do tema: a arábica, a folclórica, a médio-latinista e a litúrgica, esta última a merecer a sua preferência. Mas esta preferência nunca o inibiu de apreciar conjuntos de factores conjugados na génese da lírica e assim, em comunicação apresentada ao Congresso internacional de escritores, patrocinado pela comissão do IV Centenário da cidade de São Paulo, Lapa defendeu, por exemplo, que no aspecto da versificação, a lírica trovadoresca não tem uma origem única (*Lições de literatura portuguesa*, 1981, 53). Por outro lado, a tese litúrgica, ao permitir estudar o fenómeno da paródia, modo relevante de aproveitamento textual na lírica galego-portuguesa, também conduziu Lapa a tomar em consideração os fenómenos de bilinguismo em várias poesias, sinal da confluência de diferentes tradições poéticas. Ainda no quadro das origens, uma das facetas tratadas é a da poesia popular, que Lapa desde cedo problematizou, tendo afastado interpretações que chancelassem o anonimato colectivo: “a poesia popular da Idade Média (...) tem uma origem individual, literária, ou se assim quisermos, semi-literária” (Lapa, *Origens da poesia lírica...*, 1930, 202). Não significa isto que não reconhecesse a existência de uma poesia lírica popular anterior à manifestação trovadoresca, que nesta se poderia vislumbrar indirectamente através da conservação da versificação paralelística e de certos arcaísmos linguísticos. Mas Lapa refutou desde cedo o que Carolina Michaëlis chegou a chamar a “criação espontânea das chanecas e das serras pátrias” (*apud Origens da poesia lírica...*, 1930, 197), visão que influenciou uma linhagem de críticos conspícuos, desde Teófilo Braga a António José Saraiva. Vários capítulos da tese de doutoramento foram republicados na *Miscelânea de Estudos de Língua e Literatura Portuguesa Medieval*, volume onde a questão das origens da lírica galego-portuguesa continua a ter destaque. Como diz Lapa em artigo de 1955: “Nenhuma das teorias em presença o [ao lirismo trovadoresco] explica inteiramente; e cada uma delas de per si contribui para esclarecer algumas das suas particularidades”, acabando por propor que a arte trovadoresca tenha nascido de uma competição, depois colaboração, entre o elemento popular (ou folclórico) e o culto (ou eclesiástico) (*Lições de literatura portuguesa*, 1981, 50-51).

No pano de fundo do seu interesse pela cultura literária portuguesa, galega e brasileira, é no domínio da literatura portuguesa, em especial da Idade Média, que a reflexão de Rodrigues Lapa adquiriu maior relevo. Destacam-se na sua obra as *Lições de Literatura Medieval* (1933) e a edição crítica das *Cantigas d'escarnho e de mal dizer e dos cancioneiros medievais galego-portugueses* (1.^a ed., 1965; 2.^a ed., 1970). Tendo sido anunciada, deste último livro, uma 3.^a ed. revista, que não chegou a sair, é possível que algumas das revisões possam ser observadas em documentos do espólio de Lapa, parte do qual se encontra no Centro Cultural da Anadia; outra parte na Fundación Penzol (Vigo, Galiza), ligada à Editorial Galaxia, que acolhe livros provenientes da sua biblioteca pessoal e várias caixas de correspondência.

As *Lições*, decerto o mais influente livro de Lapa (a julgar pelo número de edições que teve) e aquele que escopo mais largo apresenta, contém cuidadosas bibliografias por capítulo, comentadas. Das suas 466



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

páginas de texto, cerca de metade é dedicada à poesia trovadoresca. Todo este livro, em especial os capítulos dedicados à lírica galego-portuguesa, evidenciam um impulso para a história narrativa que colide com a escassez, à data de publicação, de estudos arquivísticos potenciadores da percepção do fluxo cronológico. Mas este impulso acaba por ser mais notável no modo como Lapa apresenta explicações alternativas para o mesmo fenómeno do que na apresentação corrida dos “factos” literários. É sobretudo a partir das *Lições* que vale a pena reflectir sobre uma das questões mais constantes no pensamento sobre a história, a da periodologia. Vista como “o principal instrumento de inteligibilidade das mudanças significativas” (Le Goff, “História”, 1984, 178), a periodização tem sido um tema central na reflexão sobre uma história literária algo cristalizada por quatro procedimentos que Helena Buescu identifica: a classificação unívoca do autor e da sua obra; a distinção nítida entre períodos sucessivos; a homogeneização das características internas de um determinado período; a linearização do curso do tempo. Lapa não se mostrou insensível aos problemas colocados por esta visão e procurou várias vezes descrever e interrogar a natureza da mudança. É assim que a propósito do ciclo arturiano se diz que ele sucede “como um prazer mais fino” à epopeia carolíngia (*Lições de literatura portuguesa*, 239) ou que no final de Trezentos terá havido uma reanimação do espírito cavaleiresco influenciada pela presença inglesa na corte de Avis, dado a ter em conta para uma reflexão sobre a formação de Nuno Álvares Pereira e para a presença em Portugal da literatura cavaleiresca (*Lições...*, 1981, 272). Mas a sua reflexão latente sobre a mudança notar-se-á sobretudo na inclusão de um núcleo de textos normalmente arredado das histórias da literatura portuguesa por causa do embaraço que colocam no que diz respeito ao tempo em que foram compostos, à nacionalidade dos seus autores e às características da língua em que são escritos. Verdadeiro tempo-charneira, o chamado período “galego-castelhano” abarca a centúria de 1350 a 1450, aplicando-se à actividade trovadoresca desenvolvida depois de feita a compilação do cancioneiro galego-português pelo conde D. Pedro de Barcelos. Manifestação de uma certa decadência (e sinal de como os ciclos das artes e da política não vão a par), a afirmação da “forte vitalidade da nação” portuguesa seria, na visão de Lapa, acompanhada por um enfraquecimento do génio literário (*Lições...*, 1981, 321). Depois de século e meio de unidade linguística no lirismo peninsular, ter-se-ia dado uma reacção do castelhano enquanto veículo da expressão poética do amor e daqui teria resultado uma “geringonça meia-portuguesa e meia-castelhana” (*Lições...*, 1981, 327), instrumento posto ao serviço da sobrevivência prolongada da antiga lírica trovadoresca, marcada neste período por excessos retóricos que encobrem a ausência de inspiração. Adicionalmente, Lapa viu neste período de confusão a pujança de um estilo peninsular que persistiu em existir, apesar da falta de talento dos seus cultores, e que, assim enraizado, não se deixaria apropriar por esquemas métrico-versificatórios estrangeiros, antes tendo ganho na redondilha camoniana a sua forma mais acabada (*Lições...*, 1981, 341).



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Quanto à monumental edição das cantigas de escárnio, a sua simples publicação deu azo a que a linguagem indecorosa de muitas das composições deste género tivesse causado desconforto aos costumes da sociedade portuguesa de então. O grau de dificuldade da elaboração deste trabalho está bem sinalizado por as outras edições de género (cantigas de amigo e cantigas de amor) terem sido feitas havia várias décadas e, até Lapa ter aceitado o desafio de o preparar, nunca ninguém ter ousado enfrentá-lo. O número de edições monográficas, que são decerto um auxiliar precioso para a realização de uma edição por género, disponível em 1965 ainda não era elevado (e ainda não se tinha tornado nos estudos da lírica galego-portuguesa um formato habitual de trabalho). Lapa lidou com as enormes dificuldades de entendimento (pelo vocabulário menos formular do que o usado nas cantigas de amigo e de amor, pela contingência histórica de muitas referências difíceis de apreender), tendo feito um uso assinalável, por vezes menos moderado, como nota Ivo Castro, de intervenções editoriais. Neste aspecto, Lapa afirmou-se como um exímio cultor do tipo de imaginação “que consiste em animar o que está morto nos documentos e faz parte do trabalho histórico, pois que este mostra e explica as acções dos homens”, sendo de louvar a sua capacidade de imaginação que torna o passado *concreto* (Le Goff, “História”, 1984, 173). Foram por certo estas dificuldades de entendimento que o levaram a colocar sob a edição individual de cada cantiga e antes da anotação um sumário do conteúdo, típico da edição de diplomas, na sua edição usado também para proporcionar uma síntese do que editores anteriores dizem acerca do texto. Até em questões de *layout*, como esta, se percebe que a matriz da discutível edição de Graça Videira Lopes (*Cantigas de Escárnio e Maldizer dos trovadores e jograis galego-portugueses*, Lisboa, Estampa, 2002) é o trabalho de Rodrigues Lapa. Enquanto editor, Lapa cultivou um espírito de revisão incessante e exigente de trabalhos de terceiros, ciente de que certas questões poderiam nunca ter solução (escreve acerca da edição das cantigas de amigo preparada por J. J. Nunes: “Se, numas vezes, a leitura dos apógrafos é corrente e indubitável, noutras é um problema, cuja resolução ficou e ficará talvez para sempre pendente” [*Lições...*, 1981, 141]). Por isso também reconheceu a validade de sugestões de melhoramento da sua edição de 1965 vindas de colegas como S. Pellegrini, G. Tavani, L. Stegagno Picchio, V. Bertolucci, S. Panunzio, J. L. Pensado, J. M. Piel, W. Mettmann. Esta noção de pertença a uma tradição de estudos nota-se, aliás, logo em 1930 na análise que dedica à cantiga atribuída a D. Denis “Pero muito amo, muito non desejo” quando diz tentar, na sequência de trabalhos congéneres de Michaëlis, Lang e Nobiling, uma “quarta edição da trabalhosa cantiga” (*Miscelânea...*, 1982, 205).

Uma síntese forçadamente económica do contributo de Rodrigues Lapa para a delimitação da cultura medieval portuguesa não pode deixar de assinalar como o seu políglotismo se reflectiu numa visão descentrada das letras portuguesas da Idade Média. Em especial no que diz respeito à poesia lírica galego-portuguesa, as fronteiras perfiladas por Lapa são permeáveis linguisticamente, uma vez que a língua que lhe serve de base é cultivada por autores de várias nacionalidades e idiomas. Avesso por isso a



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

interpretações assentes em autossuficiências identitárias, procurou apurar o resultado de movimentos de tensão histórica, social e linguística. Neste sentido, Lapa afirma-se como um cultor excepcional da filologia românica, num ponto de equilíbrio nem sempre estável entre o conhecimento aprofundado dos documentos que chegaram até nós e a activação de uma poderosa imaginação crítica. Terá sido também o último medievalista de banda larga em que se harmonizaram bem a investigação original e a divulgação sustentada.

De facto, fora da actividade académica (como professor ou autor), refira-se que, na sequência do seu afastamento em 1935 da Faculdade de Letras, Lapa enveredou pelo publicismo, sendo de destacar a sua actividade como jornalista e director de colecções literárias. Com efeito, dirigiu entre 1935 e 1937 o semanário cultural *O Diabo*, substituindo no cargo Ferreira de Castro, e coordenou a colecção de clássicos Sá da Costa e a colecção “Textos Literários” da Seara Nova, em ambas tendo colaborado com vários volumes que ele próprio organizou. As duas colecções revelaram-se decisivas durante décadas na formação do gosto e do cânone literário em Portugal. Como assinala Lindley Cintra, “o tempo permitirá avaliar com justiça o que os estudantes da minha geração [...] ficaram a dever, da sua cultura literária, ao trabalho da equipa admirável que, sob orientação de Rodrigues Lapa, se dedicou à obscura tarefa de preparação desses livrinhos, de texto seguro e prefácios bem elaborados, que não faltavam em nenhuma das nossas pequenas bibliotecas particulares” (Prista, “Manuel Rodrigues Lapa”, <http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/biografias/mrlapa.html>). De qualquer modo, a saída da Faculdade de Letras não o impediu de ocasionalmente colaborar com outras instituições universitárias ou afins. No Brasil, onde chegou a viver na década de 50 e início de 60, passou, como professor e conferencista, por várias universidades, no Rio de Janeiro, S. Paulo, Salvador da Bahia e Belo Horizonte. Também leccionou na Galiza, a que se sentiu ligado por grande afecto. Foi o caso de um curso por ele ministrado em 1964, no Instituto Martin Sarmiento sobre o trovador galego Lopo Lias, experiência prática de tentativa de resolução de problemas de interpretação e edição, “num ambiente de camaradagem e liberdade, que a Universidade geralmente desconhece” (*Miscelânea...*, 1982, 273-274). O reconhecimento do contributo por ele dado aos estudos galegos fica patente na sua admissão à Real Academia Galega (Corunha).

Bibliografia activa: *Origens da poesia lírica em Portugal na Idade Média*, Lisboa, s.n., 1930; *Cantigas d'Escarnho e de Mal Dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses*, 2.^a ed. revista e aumentada, Vigo, Galaxia, 1970; *Lições de literatura portuguesa. Época medieval*, 10.^a ed. revista, Coimbra, Coimbra Editora, 1981; *Miscelânea de Língua e Literatura Portuguesa Medieval*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1982 (1.^a ed.: Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1965); *As minhas razões. “Memórias de um idealista que quis endireitar o mundo”*, Coimbra, Coimbra Editora, 1983; *Correspondência de Rodrigues Lapa. Selecção (1929-1935)*, selecção, organização e introdução de M.^a Alegria Marques, Ana Paula Figueira Santos, Nuno Rosmaninho, António Breda Carvalho e Rui Godinho, Coimbra, Minerva, 1997.

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Bibliografia passiva: BUESCU, Helena Carvalhão, *Grande angular. Comparatismo e práticas de comparação*, Lisboa, FCG – FCT / Ministério da Ciência e da Tecnologia, 2001; CASTRO, Ivo, "(Lapa) Manuel Rodrigues" in J. A. Cardoso Bernardes *et al.* (dirs.), *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, 2, Lisboa-S. Paulo, 1997. col.1344-1348; CEPEDA, Isabel Vilares, "Bibliografia do Professor Manuel Rodrigues Lapa", *Boletim de Filologia*, tomo XXIX, 1984, pp. 595-628; DIOGO, José Ferraz, *Manuel Rodrigues Lapa. Fotobiografia*, Anadia, Câmara Municipal de Anadia – Casa Rodrigues Lapa, 1997; DIONÍSIO, João, "Lapa, Manuel Rodrigues", in Giulia Lanciani e Giuseppe Tavani (organização e coordenação), *Dicionário de Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, Lisboa, Caminho, 1993, pp. 380-383; *Filologia, literatura e linguística: comemorações do centenário do nascimento do Professor Doutor Manuel Rodrigues Lapa*, [Porto], Fundação Eng. António de Almeida, 2000; LE GOFF, Jacques, "História" (trad. Irene Ferreira), *Enciclopédia Einaudi*, vol. I (Memória-História), Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984, pp. 158-259; PRISTA, Luís, "O ensino linguístico e de literatura", in António Nóvoa (dir.), *A Universidade de Lisboa nos Séculos XIX e XX*, vol. II (coordenação de Sérgio Campos Matos e Jorge Ramos do Ó), Lisboa, Tinta-da-China, 2013, pp. 982-1085; IDEM, "Manuel Rodrigues Lapa", <http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/biografias/mrlapa.html> (14-8-2013); VELOSO, Rita, "Rodrigues Lapa, Professor da Faculdade de Letras de Lisboa", *Actas do XII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, vol. II, Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, 1997, pp. 587-604.

João Dionísio



APOIOS:

